

Fundação

PLMJ

A ALMA DO NEGÓCIO

CRISTINA CAMPOS

UMA SOCIEDADE DE ADVOGADOS QUE SE ASSUME COMO ESPAÇO DE CULTURA E APOSTA NA CONSTITUIÇÃO DE UMA COLEÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DESPERTA ALGUMA ESTRANHEZA. DESMISTIFIQUE-SE O PRECONCEITO.



JOÃO PEDRO VALE | "Blindness", 2007 | Sal, esferovite, madeira e ferro | Dim. variáveis

ARTE PRIVADA

Visitámos a sede da sociedade de advogados PLMJ, em plena Avenida da Liberdade, e o resultado foi uma agradável surpresa. Não encontramos as tradicionais gravuras e serigrafias de gosto e pertinência duvidosa a decorar o espaço, amplo e luxuoso. Pelo contrário, deparamo-nos com uma montra privilegiada para a colecção de arte contemporânea que têm vindo a constituir. Pintura, escultura, fotografia e até mesmo vídeo materializam um posicionamento original e ousado que se destaca face à insipidez do panorama empresarial português.

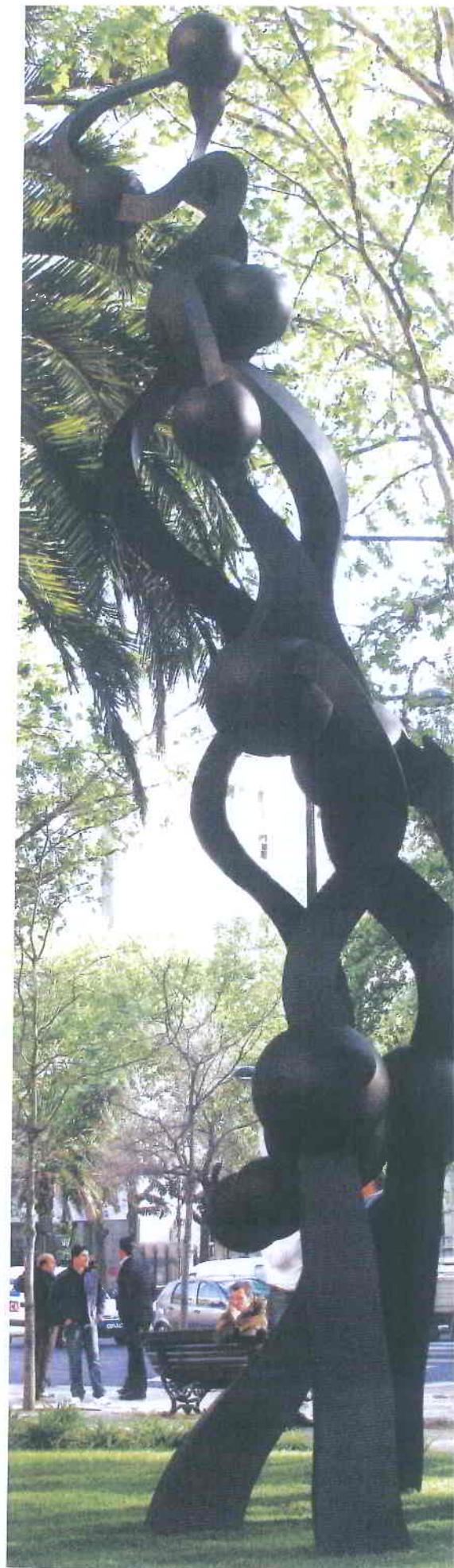
A PLMJ (A. M. Pereira, Sáragga Leal, Oliveira Martins, Júdice e Associados), ao assumir-se como espaço de cultura por excelência, desperta alguma estranheza que se faz acompanhar, não raras vezes, de uma provinciana desconfiança. Reticências que deveriam ser ofuscadas pelas virtudes subjacentes, inquestionáveis na sua essência. Para lá das estratégias de rentabilidade, muitas vezes mascaradas de dúbias operações de charme ou pontuais incrementos nas mediáticas áreas da responsabilidade social e do mecenato cultural, a PLMJ personifica um exemplo de sucesso na promoção das artes visuais em Portugal.

A constituição de uma Fundação traduziu-se num incremento sustentado de uma colecção de arte contemporânea com cobertura exclusivamente nacional, cuja abrangência e representatividade – destaque para artistas emergentes que elegeram a fotografia e o vídeo – a transformam numa das colecções de iniciativa privada mais relevantes do país.

No âmbito das comemorações do seu 40.º aniversário, a sociedade de advogados promoveu uma vasta programação da qual destacamos a exposição “Ponto de Vista” que esteve em exibição no Museu da Cidade, a oferta à cidade de Lisboa de uma imponente escultura de Rui Chafes (instalada no espaço público) e finalmente, ultrapassando todas as expectativas, a recente inauguração de um espaço expositivo na capital.

Questionar a representatividade da colecção, a solidez dos critérios que determinam a sua política de aquisições ou mesmo a pertinência de algumas das mostras e edições produzidas, é legítimo e saudável. No entanto, independentemente de algumas fragilidades possíveis de detectar, um balanço global isento terá que fazer justiça ao seu carácter indiscutivelmente meritório. Contornando limitações orçamentais e assente na generosidade e visão estratégica (a que não é obviamente alheio o *marketing*) de uma das mais prestigiadas sociedades de advogados do país, a arte contemporânea nacional encontrou um consistente aliado. *Juris et de jure*. Em jeito de inspiração. Idealmente.

¹ [De direito e por direito]



RUI CHAFES | “Sou como tu”, 2008
580 x 220 x

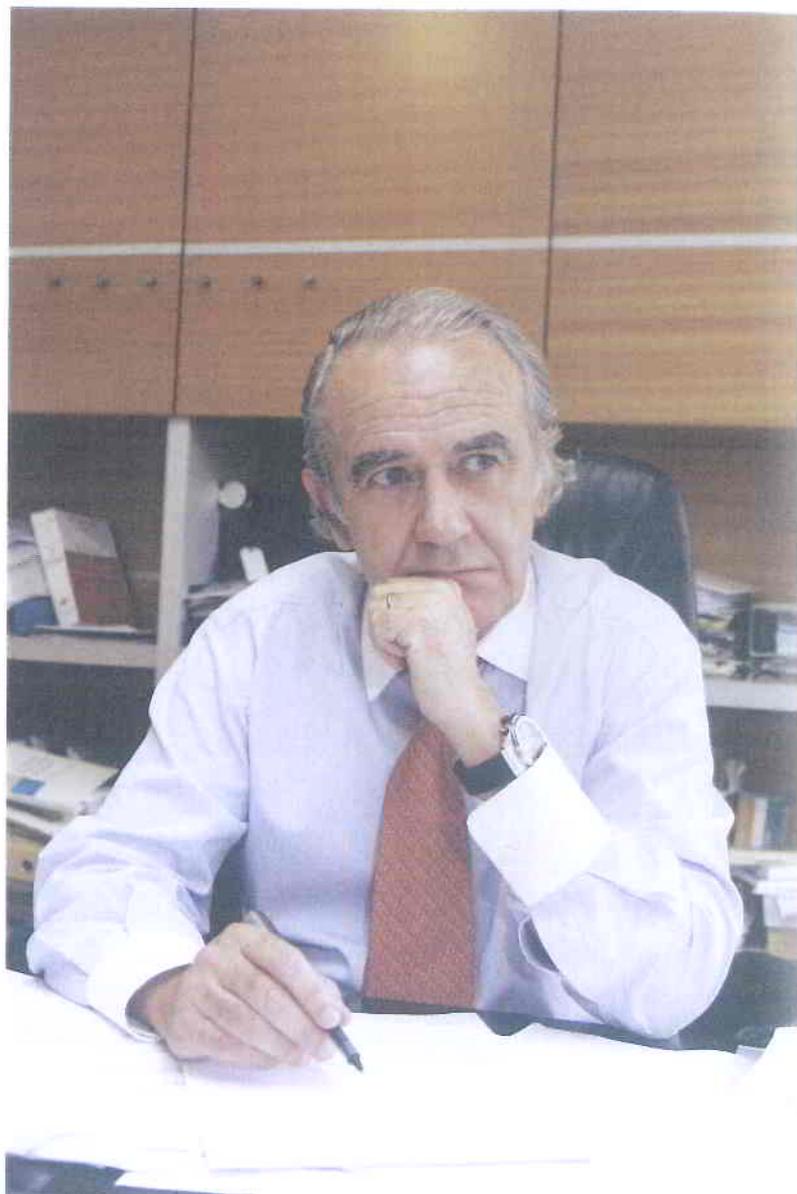
A & L – Sendo que o interesse pelas artes plásticas, mote para a criação da colecção PLMJ, sempre foi uma paixão essencialmente sua, quais foram os argumentos que invocou para convencer os restantes sócios a embarcar no projecto da Fundação?

Sárágga Leal – A PLMJ (A.M. Pereira, Sárágga Leal, Oliveira Martins, Júdice e Associados) iniciou uma colecção de arte portuguesa contemporânea há dez anos, quando inaugurou a sua actual sede na Av. da Liberdade. A minha paixão pela arte é antiga, pois sempre tive o desejo de conviver, diariamente, com arte no meu local de trabalho, tal como acontecia em minha casa. Ao contrário do escritório anterior, o novo edifício da sociedade de advogados contemplava potenciais espaços expositivos, como gabinetes, salas de reuniões e mesmo inúmeros corredores e outras áreas comuns, pelo que desafiei os meus colegas a desenvolver um acervo que não só sustentasse esse convívio diário com a arte, mas também demonstrasse a vontade da PLMJ de partilhar o seu sucesso com a comunidade onde se insere, desenvolvendo uma actividade regular de cariz cultural. Assim, em 2001, surgiu a Fundação PLMJ, sob o lema “Uma sociedade de advogados como espaço de cultura”, que passou a protagonizar este projecto. Naturalmente, a Fundação PLMJ é, hoje, uma entidade diferente da que era no início. Para exemplificar, recordo que, em 1998, pedi emprestadas cerca de 180 obras de 80 artistas – no essencial pintura e nomes das décadas de 80 e, sobretudo, 90 – a alguns galeristas com os quais me relacionava para organizar uma exposição que assinalasse a inauguração do novo edifício, que também correspondia ao 30.º aniversário da PLMJ. Desse total de obras comprometi-me a adquirir cerca de um quarto e, através de uma consulta a quem conosco trabalhava, bem como a todos os que então nos visitaram, identificaram-se as obras que foram adquiridas. Fiz algumas correcções às escolhas mas, no essencial, foi assim que o acervo começou. Hoje, a relevância alcançada pela Fundação PLMJ já não se compatibiliza com tal género de procedimentos, sendo o acervo desenvolvido em termos curatoriais, e é com orgulho que assisto ao reconhecimento do importante papel por nós desempenhado no meio artístico. Os meus sócios da PLMJ sempre me apoiaram no crescimento da Fundação PLMJ e o entusiasmo com o que fazemos é cada vez maior. A colecção cresceu bastante, estruturando-se de acordo com as minhas ideias e, mais tarde, também com o contributo de Miguel Amado, meu colaborador próximo, que tem sido determinante para novas actividades da Fundação PLMJ: começámos a publicar anualmente livros e a promover regularmente exposições dedicadas ao acervo. O passo seguinte consiste na abertura de um pequeno espaço expositivo próprio.

A & L – Iniciou na década de 70 a sua colecção particular. A adesão estética é apontada como o principal critério na base das aquisições. Mais do que a representatividade das obras, vêem-se reflectidas as especificidades do seu gosto. Admite, no entanto, nunca ceder a impulsos. Relativamente aos critérios que orientam as aquisições para a Fundação, a estratégia será obviamente distinta. Fale-nos dela e da intervenção de Miguel Amado no processo.

Sárágga Leal – Como é evidente, as aquisições para a minha colecção privada reflectem, sobretudo, opções

ENTREVISTA LUÍS SÁRAGGA LEAL



Luís Sárágga Leal, Presidente do Conselho de Administração da Fundação PLMJ, assume-se como principal responsável pela delineação da estratégia e pelo seu progressivo desenvolvimento. Foi precisamente nesta condição que o entrevistamos na sede da sociedade e, entre uma visita às instalações do novo espaço expositivo e a contemplação da escultura “Sou como Tu”, sempre com a Avenida da Liberdade como epicentro, falou-nos da paixão que nutre pelas artes plásticas apontada como a mais constante da sua vida. Apologista de que na génese do mérito se encontra a predisposição para apostar, assume com entusiasmo a inevitável margem de risco que o princípio acarreta. O verdadeiro estímulo, defende, reside mais na travessia de um caminho do que no alcance da sua meta.

estéticas pessoais que, naturalmente, foram evoluindo ao longo dos anos. Porém, privilegiei sempre, como actualmente no âmbito da Fundação PLMJ, as aquisições de artistas então menos conhecidos ou consagrados. Foi assim que adquiri, ainda nas décadas de 60 e 70, obras de Paula Rego, Júlio Pomar, Costa Pinheiro, Jorge Martins, João Vieira, Nikias Skapinakis, António Sena, António Palolo, Jorge Vieira, João Cutileiro e alguns, então mais jovens, como Julião Sarmento, Fernando Calhau e tantos outros hoje considerados os grandes expoentes da arte portuguesa. A colecção da PLMJ, entretanto continuada pela Fundação PLMJ, possui uma linha programática diversa, reflectindo menos os meus gostos pessoais dada a responsabilidade institucional subjacente ao seu desenvolvimento. Centrou-se inicialmente em pintura e alguma escultura de artistas com carreira iniciada ou publicamente reconhecida na década de 80 e, sobretudo, 90. Alguns anos mais tarde, aderi à fotografia e estabeleci um grande núcleo dedicado a este meio de expressão, cobrindo as diversas práticas, da imagem digital ao fotojornalismo. Já com a colaboração de Miguel Amado, melhorámos ainda mais o segmento de fotografia e

fazendo menos os núcleos de autores próprios de acervos museológicos – embora valha a pena referir que quase todos os artistas representados têm diversas obras na colecção. Mesmo sob pena de algum excessivo ecletismo, creio que a colecção ganha com esta opção, pois assim cumpre melhor a missão da Fundação PLMJ de divulgar a arte portuguesa contemporânea. O Miguel Amado auxilia-me imenso a elaborar os traços orientadores da colecção e sugere as obras que poderão vir a ser adquiridas, gerindo depois todo o processo relativo às aquisições junto das galerias. Mas não tem autonomia para tomar decisões individualmente, pelo que qualquer obra só é adquirida quando ambos estamos de acordo. Além disso, organiza os nossos livros, exposições e catálogos, bem como outros projectos, como as encomendas que fizemos a João Pedro Vale e a Rui Chafes, que recentemente realizaram esculturas para a entrada da sede de PLMJ e para a Av. da Liberdade, respectivamente. Será também ele que programará o espaço expositivo da Fundação PLMJ. No fundo, o papel que ele desempenha é o de um comissário, dirigindo os projectos que desenvolvemos e representando a Fundação PLMJ no meio artístico



ampliámo-lo aos autores da década de 50. Sem descurar os meios de expressão e os artistas já pertencentes ao acervo, a partir de 2006 incrementámos as aquisições no campo do vídeo e passámos a dedicar especial atenção aos artistas de finais da década de 90 e da actual década. Neste último caso, lançámos mesmo um ciclo de exposições anuais, intitulado "Opções & Futuros", através do qual mostramos algumas das obras adquiridas destes jovens artistas, no sentido de revelar a criação emergente e apoiar o seu desenvolvimento. Os nomes consagrados são importantes, mas o mérito está em apostar criteriosamente nos mais novos, o que encerra uma margem de risco que sempre tive gosto em assumir. Ao contrário de museus e mesmo outros colecionadores privados, creio ser dever da Fundação PLMJ contemplar, o mais possível, vários artistas, mesmo aqueles que o circuito institucional não acarinha tanto. Por isso, adoptámos uma política aquisitiva extensiva, quase antológica,

com a formação, competência e empenho que todos lhe reconhecem.

A & L – A abertura de um espaço expositivo especificamente vocacionado para divulgar a colecção PLMJ sempre integrou os objectivos da Fundação? Qual será a linha de programação seguida? Estão previstas exposições individuais e comissariados externos?

Sárágga Leal – Ter um espaço próprio não estava nos meus horizontes até há bem pouco tempo. Fruto de conversas que tive com o Miguel Amado, que me falou da tendência crescente, a nível internacional, de abertura de espaços associados a colecções privadas, comecei a pensar no assunto e percebi que esta hipótese era viável. Em finais do ano passado, por acaso, encontrei um espaço com características adequadas na R. Rodrigues Sampaio, muito perto da sede de PLMJ. Rapidamente tomei a decisão de avançar, novamente com o apoio dos meus sócios de PLMJ. A inauguração ocorreu no dia

NOÉ SENDAS
"Sr. Central", 2005
Resina epóxida e
roupa
70 x 180 cm

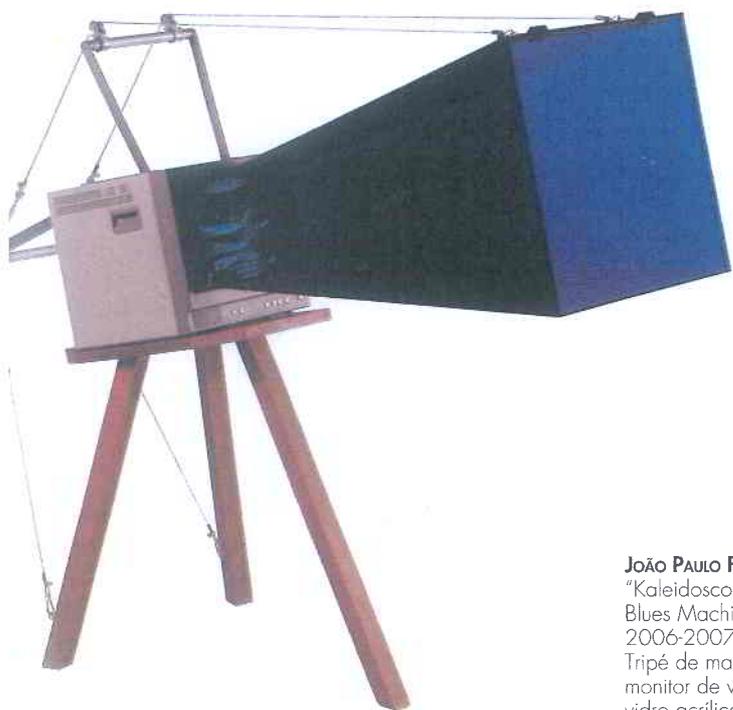


PEDRO TUDELA | "Schut...!", 2000 | Colchão, estrado de madeira engradado, lençol impresso digitalmente, plástico, ferro, 2 almofadas brancas, 2 fronhas brancas, DVD, leitor de DVD, monitor de vídeo, cabo de vídeo, CD, leitor de CD, cabos de áudio e 2 altifalantes *full-range*; vídeo, p/b, som, 60'; áudio, 1'30" | Dim. Variáveis

28 de Maio, com uma exposição que retoma uma outra, "Ponto de vista", que esteve patente no Museu da Cidade até meados de Maio. Note-se que se trata de um espaço de pequena escala, pois a galeria não terá mais de 80 m², juntando-se a esta área um escritório e um acervo. É um projecto à nossa dimensão, o de uma entidade ainda com orçamento bastante limitado, mas que com inovação, dedicação e profissionalismo faz o que muitos, com recursos infinitamente superiores, não fazem. A programação consistirá, essencialmente, em exposições, embora outros eventos também sejam contempláveis, como lançamentos de livros, *performances* ou *screening* de vídeos. Não se pretende que este espaço seja unicamente um *show room* da colecção, mas não deixará de privilegiar as acções que já tínhamos em curso. Assim, sob comissariado do Miguel Amado, terá quatro exposições por ano, duas colectivas dedicadas à colecção (incluindo a continuação do ciclo "Opções e Futuros", que já conta com 3 exposições realizadas) e as restantes individuais de artistas convidados para o efeito.

A & L – A doação à cidade de Lisboa de uma escultura de Rui Chafes, instalada na Av. da Liberdade, deve ser encarada como uma iniciativa pontual integrada nas comemorações do 40.º aniversário de PLMJ, ou poderá ser entendida como ponto de partida de uma estratégia vocacionada para promover a arte pública?

Sáragga Leal – Do ponto de vista da PLMJ, que financiou o projecto, e da Fundação PLMJ, que o dinamizou, esta iniciativa não se repetirá tão cedo. Dado o investimento necessário para desenvolver um projecto com estas características, só mesmo uma ocasião especial como a celebração dos 40 anos da PLMJ é que possibilitaria a sua concretização. Porém, espero que outras empresas, instaladas na Av. da Liberdade, e mesmo noutras artérias da cidade, sigam o nosso exemplo e também contribuam para a valorização patrimonial do espaço público de Lisboa, através da encomenda de obras a artistas portugueses tão relevantes como é o Rui Chafes. De facto, ao ver a obra que ele criou, sonho com uma Lisboa diferente, na qual a boa arte pública fosse a regra e não a excepção. |



JOÃO PAULO FELICIANO
"Kaleidoscopic Blues Machine",
2006-2007
Tripé de madeira,
monitor de vídeo,
vidro acrílico, aço
e cabo de aço
160 x 60 x 180 cm